

APRESENTAÇÃO

As orientações em relação às práticas pedagógicas e educativas das crianças pequenas vivem um momento histórico que podemos chamar de passagem de uma prática de educação livre para uma educação associada ao cuidado concebidos como um direito da criança. No entanto, as atuais mudanças estruturais desencadeadas pela promulgação das leis 11.114/2005 e 11.174/2006, pouco ou nada podem interferir para a melhor qualidade da educação infantil se não houver o aprimoramento e redimensionamento do processo educacional no que diz respeito às condutas pedagógicas.

Numa época em que vivemos o paradoxo entre a desvalorização do professor da educação infantil somado à banalização do atendimento à criança por meio de iniciativas escolarizantes na forma de uma caricatura do ensino fundamental, a uma legislação que articula os direitos do cidadão criança e a exigência de formação específica do professor de crianças pequenas optamos pela resistência ao modo transmissivo de fazer pedagogia.

Nosso compromisso é com a formação científica do professor de crianças pequenas, com o conhecimento compreendido como produção cultural, mas também com a dimensão prática deste conhecimento. Assim, pensando em ampliar o foco de discussão para além do espaço acadêmico, ou seja, para o que está sendo dito e feito também nos espaços de ação pedagógico-educativa na educação infantil, o Dossiê que ora apresentamos deu oportunidade de expressão para profissionais e pesquisadores tanto renomados quanto iniciantes, brasileiros, portugueses e franceses, ou seja, para profissionais que lutam em seus contextos, que resistem e têm o que comunicar e ensinar em relação à ciência pedagógica do trabalho com crianças pequenas. São onze artigos que discutem, a partir de diferentes prismas, a educação infantil. Para apresentá-los, optamos por recolher do texto de cada autor as palavras para explicitar as contribuições de sua obra.

Assim, abrimos as páginas do Dossiê Educação Infantil apresentando o artigo "O Ensino Fundamental de nove séries e as crianças de seis anos", elaborado por Maria Malta Campos, que trata da inclusão das crianças de seis anos na primeira série a partir de uma perspectiva comparada lembrando-nos, que na maioria dos países, o ensino primário se inicia aos seis anos e, em diversos deles, aos cinco. O texto é desenvolvido sob a perspectiva de que é preciso considerar o conjunto da educação básica, compartilhando da preocupação de alguns

segmentos sobre os desafios pedagógicos que tal mudança traz na organização das escolas, na formação dos professores e nos currículos.

Na seqüência Fátima Vieira nos apresenta em “O *Diário de Turma* como instrumento curricular para a construção social da moralidade: os juízos sociais de crianças e adultos sobre incidentes negativos da vida em grupo”, o *Diário de Turma* como um instrumento que permite a “consciencialização” de situações de interação social diversificada entre crianças e destas com os adultos. O texto discute os dados recolhidos durante um ano letivo em quatro salas de educação de infância, numa instituição onde é contextualizado o Modelo Curricular da Escola Moderna. A análise dos dados fundamentada na abordagem teórica sobre o desenvolvimento moral desenvolvida por Turiel e colaboradores sugere uma distinção entre domínios de conhecimento social, concretamente, entre moralidade e convenção social.

Eloísa Acires Candal Rocha e João Josué da Silva Filho em “Avaliação de contextos na perspectiva da Pedagogia da Infância: indicações para a investigação a partir dos protagonistas” relatam os resultados de um trabalho de investigação, formação e intervenção iniciado no ano de 2000 junto à rede pública de educação infantil e, que tem por finalidade consolidar a afirmação de processos de avaliação que integrem os pontos de vista de crianças, profissionais e família. O processo de avaliação dos contextos educativos nesta investigação segundo os autores “tiveram em comum a preocupação em torno da avaliação dos contextos educativos para a infância, bem como a preocupação metodológica de explorar formas de privilegiar a expressão dos sujeitos envolvidos no processo, no caso, o profissional-educador, os pais e as crianças”.

No artigo “Espaços de formação docente: os desafios da qualificação cotidiana em instituições de Educação Infantil”, Maristela Angotti dimensiona a instituição de educação infantil enquanto espaço possível e privilegiado de formação em serviço. Nesse texto o leitor encontrará o protagonismo docente e a formação continua em serviço como meio de a escola, a instituição e centros educacionais construírem ações educativas focadas na criança pequena, formadoras de um “corpo docente” em superação de docentes isolados, fazendo ações isoladas. Segundo a autora “as análises e propostas realizadas fundamentam-se em dados de pesquisas, em experiências singulares de instituições e tem a intenção de contribuir para uma reflexão e melhoria das condições de formação continua em serviço”.

Analu Menzani Redondo, Maria Augusta Fahl, Maria do Carmo Garcia Nascimento, Rosana Maria Donato Xavier de Souza e Suely

Amaral Mello, no artigo “Utopia rima com mudança todo dia: teoria e práticas em creche”, apresentam o processo de construção de um projeto pedagógico em uma creche da rede pública de São Carlos como síntese de três pontos de vista diferentes – o da assessoria pedagógica que orientou o processo no seu conjunto, o de duas professoras e o de duas pajens, responsáveis por uma mesma turma de crianças de 3 anos. Nesse sentido, discutem as novas concepções que envolvem a educação das crianças pequenas a partir das contribuições da teoria histórico-cultural e de pesquisas e estudos recentes realizados com crianças de 0 a 6 anos educadas em espaços coletivos nas instituições dedicadas à infância, procurando focalizar especificamente o processo de construção de conhecimento pelas crianças. Por outro lado, apresentam as mediações que concretizaram a teoria sendo apropriada pelas profissionais em processo de formação continuada. Com isso, ensaiam uma avaliação da fundamentação teórica e das práticas de formação adotadas como instrumento do pensar e agir docentes.

O texto “Propostas de cuidado e educação no ambiente da creche – aspectos históricos e formação de professores”, de Ana Corina Machado Spada, discute a educação desenvolvida no interior das creches no cenário brasileiro e enfoca a necessidade da estruturação da rotina de atividades da creche com base num modelo que privilegie o cuidado associado à educação. A formação de professores, bem como o conhecimento e a reflexão acerca de tais questões, além da elaboração de um projeto educacional que norteie as ações de professores e demais profissionais no ambiente da creche são discutidos como elementos capazes de favorecer a superação de problemas.

Sílvia Adriana Rodrigues e Gilza Maria Zauhy Garms escrevem sobre pesquisa realizada junto a um projeto especial de formação de professores (Projeto Pedagogia Cidadã da Unesp), que teve como objetivo central descrever e analisar a formação em serviço do profissional de educação infantil oferecida pelo citado projeto. O texto se detém na discussão de uma das categorias de análise levantadas no estudo: as propostas de “rotinas” orientadoras do trabalho na educação infantil, onde as autoras denunciam que há uma preocupação significativa com a leitura e com a escrita formal (identificação e reconhecimento de letras e com a contagem e reconhecimento de numerais) em detrimento de atividades que contemplem outras linguagens além da escrita e que são nesta etapa verdadeiramente estruturantes do pensamento infantil.

Um estudo sobre a relação mãe-criança é apresentado no artigo “A amamentação materna: um dos parâmetros da relação mãe – criança” de Silvia Parrat-Dayán. Trata-se de uma análise dos comportamentos

maternos e das crianças ao longo da primeira infância em que a autora reconstitui o encaminhamento histórico da categoria “mãe – criança” em oposição a uma linha de pesquisa que se contenta em estudar a relação “mãe-criança” seguindo apenas as normas da cultura pós-industrial ocidental com suas entidades abstratas à la Durkheim ou seus tipos ideais à la Weber: a mãe, a criança, e onde a mãe é às vezes qualificada, sem ironia ao que tudo indica, de “suficientemente boa”.

A relação família-escola trazida como uma das dimensões da qualidade na Educação Infantil que é a relação família-escola é objeto de reflexão de Eulália Henriques Maimone, Maria Olivia Borges de Oliveira, Giovanna Mara Sá Vieira e Maria Guilhermina Coelho De Pieri no artigo “Família-escola: uma relação possível”. A partir de um diagnóstico de uma instituição de educação infantil da periferia de uma cidade do interior de Minas Gerais, em que se constatou a necessidade de serem melhoradas as estratégias de participação de pais, foi proposto o trabalho descrito neste texto. Este teve como objetivo aumentar essa participação, propiciando aos professores oportunidade de formação. Para atingir esse objetivo, foram planejadas e executadas ações conjuntas com a participação de pais, mães, avós, crianças e professoras, que consistiram em dinâmicas de grupo pela técnica do brincar junto. O trabalho de intervenção, que teve a duração de dois anos, mostra que sensibilizar família e escola para um estreitamento das relações, em prol do desenvolvimento da criança, é tarefa que exige tempo e persistência de quem se propõe a desenvolvê-lo, uma vez que todo trabalho de campo está sujeito a inúmeros imprevistos.

Carmem Campoy Scriptori, no texto “Entre o autoritarismo e a autoridade: o papel dos pais pela via do diálogo”, discute sobre como os pais podem buscar novas formas de educar seus filhos de acordo com os ensinamentos das ciências da educação. Parte do princípio de que as reflexões produzidas por estudos e pesquisas na área da Educação Infantil não podem ficar restritas ao âmbito escolar, dado que a educação ocorre em diversos contextos. A importância da parceria entre professores e pais para promover o desenvolvimento infantil passa por reflexões sobre o poder e a autoridade paternos, o paradigma recompensa *versus* castigo e a via do diálogo. A autora analisa o ponto de vista dos pais, abordando alguns pontos para reflexão que possam ser úteis para a parceria família-escola; desenvolve ainda argumentação sobre o freqüente interesse dos pais em relação ao papel e uso da Autoridade e do Poder Paterno na educação de seus filhos.

Em “Crianças, infâncias, educação e corpo” Márcia Buss Simão e Eloísa Acires Candal Rocha desenvolvem reflexões sobre a necessidade

de compreender as crianças e suas diferentes infâncias como categoria social, destacando uma concepção de corpo como elemento biológico e social ao mesmo tempo, tornando possível e, necessário, um cruzamento das relações entre crianças, educação e corpo. Trata-se de uma investigação de reflexão teórica para qual se utilizou estudos de orientação histórico-cultural nas contribuições da Sociologia da Infância, da Antropologia da Criança e demais áreas que estudam a infância, buscando um cruzamento multidisciplinar na abordagem desta relação corpo, infância e educação.

Além deste conjunto de artigos, este número temático é complementado com duas resenhas e quatro resumos de dissertações defendidas no Programa de Pós-graduação em Educação da FCT/UNESP como informação e sugestão de leituras.

Acreditamos que a diversidade de enfoques possa contribuir para ampliação do conhecimento e o fomento do debate em torno da construção de práticas educativas e pedagógicas específicas para as crianças pequenas, centradas mais no processo e menos no resultado, tendo sempre em vista a conquista de uma educação infantil de qualidade, verdadeiramente democrática e inclusiva.

Célia Maria Guimarães
Sílvia Adriana Rodrigues
Organizadoras